

PARA A HISTÓRIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL VII – R. CAMPBELL (1)

Henri Chabassus

“Nihil sub sole novi” (Eccle. 1, 10)
“...the Poet and Painter must be born,
not made; ... in the same manner ... a Man
must be born a Carpenter before he can
be supposed to excel in that Branch; ...
or he will make just such a Figure in his
Business as those do, who are not born
Poets or Painters, but attempt to supply
their Want of Genius in these Sciences by
 dint of Labour, Conceit, and Impudence”
(Campbell)

Continuando a séria de artigos que “Síntese” vem publicando sobre pioneiros da Orientação Vocacional, pretende-se estudar neste artigo a Obra “The London Tradesman” de R. Campbell.

O AUTOR

Nenhum dado foi possível obter sobre o autor do livro em estudo. O único dado objetivo que se tem é a data de sua publicação, 1747. O mais que sobre ele se poderia dizer é o que se infere do conteúdo de seu livro e da forma em que este foi vasado.

Campbell mostra-se autor claro e sóbrio. A exposição que faz de seu pensamento não deixa dúvidas, quer quando aborda temas como educação, orientação, ética, moral, religião, quer quando entra especificamente no que constitui mais que nove décimos de seu livro, isto é, quando considera os ofícios abordados, trazendo pormenores interessantes com relação a cada um deles. Por outro lado, não se perde em considerações à margem de seu assunto. Há raras digressões, úteis via de regra, e que não fazem perder a impressão de sobriedade que emana da obra. É um texto enxuto, límpido, fácil de se ler.

01. Ver Síntese nº 21, jan/abr. 1981, p. 71-86; nº 26, set/dez. 1982, p. 79-99; nº 33, jan/abr. 1985, p. 77-106; nº 34 mai/ago 1985, 79-96; nº 36, jan/abr 1986, 45-67, nº 38, set/dez. 1986, 81-111.

Como bom anglo-saxão é pragmático e objetivo. Vai direto ao assunto e aborda itens que se referem à prática dos ofícios e do necessário ao dia a dia da vida dos aprendizes, oficiais e mestres. Sua objetividade reveste-se de honestidade e modéstia. Ele diz o que pensa, mesmo que sua opinião seja negativa com relação a alguns valores profissionais de sua terra. É injusto em certas apreciações sobre a Igreja e seus pastores e sobre a situação de algum país católico, mas nada autoriza a acoimá-lo de desonesto em suas afirmações. Tem-se a impressão de que ele pensa assim, e exara seu pensamento sem o trair.

Em todo o decorrer da obra guarda equilíbrio na exposição, que é positiva, afirmativa. Salvo erro ou omissão, só três ou quatro vezes deixa transparecer seu "English humour" em frases irônicas, em que critica atitudes ou costumes que não merecem sua aprovação.

O ponto alto de sua obra é porém, além da objetividade, a boa informação que ela oferece. A mole de informações que aduz sobre cada profissão, principalmente sobre o modo de fabricação do que é próprio de cada ofício, só é igualada pela riqueza do vocabulário correspondente. Campbell fez trabalho exaustivo de pesquisa sobre cada profissão e, em sua exposição, impressiona a riqueza de vocabulário de que dispõe. Chama a atenção a precisão e a segurança no uso de uma infinidade de termos técnicos e de vocábulos próprios de cada área tratada.

A OBRA

1. Título — O título completo é longo conforme o uso da época. Não será ele todo aduzido aqui. Baste o que se segue, que já não é curto:

The
London Tradesman
Being a
Compendious View
of

All the Trades, Professions, Arts, both Liberal and Mechanic, now
practised in the Cities of London and Westminster
Calculated

For the Information of Parents, and Instruction of Youth in their
Choice of Business

.....
.....

By R. Campbell, Esq.

Printed by T. Gardner, at Cowley's-Head in the Strand

A data de impressão, 1747, só vem mais adiante, no Prefácio. Entre o que é propriamente temático em que Campbell dá em seis itens, a matéria tratada no livro: 1. Como conhecer as qualidades dos filhos. 2. Resenha histórica das artes e profissões. 3. Qualidades e formação necessária para cada ofício. 4. Salário do oficial e do mestre. 5. Conselhos ao jovem sobre como proceder no aprendizado com relação ao trabalho, ao mestre e à sua família. 6. Orientação sobre como evitar as muitas tentações que oferece a grande cidade de Londres.

2. Advertência — Entre o título do livro e o prefácio que se lhe segue, há na página 2 esta advertência: "By Authority Whoever pirates this Book will be Prosecuted". Desde já observe-se que quase todos os substantivos, e às vezes também outras categorias gramaticais, se iniciam com maiúsculas.

3. Prefácio — A modo de prefácio vem a páginas III e IV uma dedicação à Câmara de Vereadores e a seu Presidente, na qual o autor diz que põe o livro sob a proteção desses senhores, como os mais interessados no cuidado e na colocação da juventude, assunto que é da mais alta importância para a sociedade em geral e para a cidade de Londres em particular. Sua finalidade é dar a pais e tutores conhecimento geral dos ofícios em uso em Londres, e condições para que sejam capazes de descobrir as qualidades e inclinações de seus filhos e tutelados, a fim de lhes poder dar um emprego correspondente à sua força física e à sua inteligência, segundo as circunstâncias de cada caso.

4. Índice sistemático — Ao prefácio segue-se um índice sistemático que compreende as páginas V a XIII. A linha de seu desenvolvimento é esta: Ciências liberais — Artes liberais — Ofícios mecânicos. Começa pela Teologia, seguida pela Medicina e afins e advocacia e afins. Depois vêm as artes: música, pintura, gravação, escultura, joalheria, trabalhos com metal e com pano. Põe a seguir o Arquiteto e os profissionais que para ele trabalham. E assim continua com outras profissões, dispondo-as nos capítulos II a LXXII. O número de profissões que aduz é, entretanto, muito maior, pois ele sistematiza o índice e seu desenvolvimento no texto, fazendo seguir a uma profissão que ele põe como cabeça de fila, uma série de outras que, por assim dizer, trabalham para completar a função daquele profissional posto como cabeça. Assim, por exemplo, o capítulo XXXI é do "Arquiteto e seus dependentes". Estes dependentes são na sua nomenclatura, doze oficiais, a saber: O canteiro, o assentador de tijolos, o carpinteiro, o marceneiro, o estucador, o vidraceiro, o entalhador, o

7

ferreiro, o serralheiro, o madeireiro, o azulejista e ladrilheiro e o fabricante de tijolos e telhas. Assim procede com todas as profissões, que perfazem ao todo cerca de 250, número que seria muito maior se enumerássemos todas as subdivisões de serviço que Campbell faz. É claro que este número deve sofrer uma redução, pois várias profissões, segundo a sistematização do autor, são repetidas. Assim, por exemplo, o ferreiro vai aparecer em mais de uma profissão por assim dizer principal, e assim também outras profissões. Como ficou dito atrás, assombram os pormenores a que o autor desce.

5. Desenvolvimento

a) **Capítulo I** — O capítulo I, que se estende da página 1 à página 24, tem por título: "Conselhos aos pais sobre o modo de descobrir e aperfeiçoar as habilidades naturais de seus filhos, antes de os pôr como aprendizes de algum ofício, mister ou profissão".

Este título é precedido da curta cláusula: "A compendious View, Ec", que diz bem o que o capítulo contém. É uma vista compendiosa sobre tudo o que vai ser tratado no livro. Este é o capítulo chave para o nosso estudo e só vai ser rapidamente complementado pelo capítulo LXXIV e pelo Apêndice. É no capítulo I que se lê o que constitui o cerne do que interessa para o nosso trabalho. Campbell aí expõe o que pensa sobre educação, criticando a que então recebia a juventude inglesa. Mostra como entende que devem ser a educação da juventude e sua orientação para o trabalho. Dá as causas e raízes da má orientação profissional dos filhos pelos pais e exemplifica, para deixar patentes suas funestas conseqüências. E para ser prático, dá a seguir os métodos para evitar tais erros.

Se considerássemos quanto interessa a educação da juventude para a sociedade em geral, para a paz, a felicidade e a satisfação das famílias, assim como para a prosperidade dos indivíduos, por certo desejaríamos que os pais e aqueles a quem a juventude é confiada, pusessem mais consciência no cumprimento desse encargo. Com efeito o que se vê é que a maior parte dos pais põem filhos no mundo, para depois esquecerem de considerar, em sua educação, as grandes metas da vida, a felicidade da sociedade e a prosperidade dos filhos. No estabelecimento de seu futuro eles se pautam por princípios que nada têm a ver com a meta visada, ou melhor dito, impedem a consecução dessas metas. O orgulho, a avareza ou o capricho são os conselheiros a que recorre a maior parte dos pais quando decide sobre o futuro de seus filhos (p. 1. 2.). As inclinações, os talentos naturais e a constituição física do jovem não entram em linha de conta. A profissão lhe é im-

posta como o nome no batismo, porque ela satisfaz o orgulho, adula alguma idéia cubiçosa do pai, ou realiza os caprichos da mãe. E assim o jovem é acorrentado a uma profissão para a qual não tem nenhuma qualificação. E depois de viver sete anos no tédio de seu aprendizado de escravo, pervertendo a ordem da natureza, vai ter que enfrentar a vida toda as frustrações, o desgosto, a tristeza dos fracassos de um oficial canhestro.

É devido a esta loucura, a esta fraqueza dos pais, que quase todos os homens parecem viver uma mascarada; na farsa da vida cada um faz um papel que não lhe quadra, e assim vemos "no púlpito, sapateiros remendões em vez de teólogos, poetas a exercer mecânica e mecânicos a fazer versos, no senado homens que estariam bem na charrua, o exército com professorinhos, a marinha com marceneiros, enquanto as grandes firmas de indústria, comércio e exportação são chefiadas por estadistas, bons generais e honrados almirantes" (p. 2. 3.). E estende-se a mostrar que a raiz desse mal é o orgulho, a vaidade ou o capricho dos pais. "Nossas desventuras constitucionais são muitas, mas aqueles que nos alcançam por nossa própria loucura, ou pela dos que têm o encargo de nos introduzir na vida, são em muito maior número" (p. 3). Os pais querem para os filhos trabalho que os distinga, e têm por desonra dar-lhes um ofício qualquer. "Nunca averiguam se o filho tem as qualificações necessárias para esse ofício distinto, mas estão resolvidos a fazê-lo engolir uma profissão, na qual possa morrer à fome de maneira distinta". "Este orgulho atinge todas as camadas sociais, desde os fidalgos até os operários" (p. 4). E dá o exemplo de Prudímia, senhora que cavou a desgraça de seus três filhos, fazendo ministro religioso a um que devia ser militar, oficial de marinha a outro que devia ser pastor de almas e, por fim, advogado ao último que deveria ser lavrador. O primeiro acabou prostituindo a própria esposa para ter de que viver; o segundo foi utilizado por covardia e traição, e o terceiro, sentindo-se inepto para o foro, engajou-se como militar e foi morto logo ao primeiro combate nas Flandres (p. 4-9).

Para não ficar só em considerações, dá Campbell sete regras para obviar esses inconvenientes, a saber:

1ª — Os pais e quem quer que tenha encargo de educação, deve dar-se conta da importância do encargo. "A escolha de um ofício no qual a criança tenha probabilidade de prosperar não é só uma obrigação individual para com ela, mas também para com a sociedade. ...A força de uma nação não consiste tanto no número de seus ha-

bitantes, mas no número de pessoas bem empregadas. Milhões educados na preguiça ou, o que é o mesmo, milhões em ocupações para as quais a natureza não lhes deu talentos, não são um bem para a sociedade; ...certamente serão turbulentos, em geral degenerarão em pedintes, que passarão a viver do trabalho e da atividade dos que estiverem empregados judiciosamente" (p. 14).

2ª — Os pais devem considerar que se os filhos não têm talento para o ofício de que eles (pais) gostam, podem ter qualidades para outro ofício, no qual podem sobressair. Postos em ofício que não lhes quadra, serão maus trabalhadores, ficarão entre os últimos de seu ofício e ganharão seu sustento com mais dificuldade e menos segurança, que no ofício para o qual têm qualidades (p. 15).

3ª — Pôr de lado qualquer parcialidade, qualquer juízo falso em favor do filho, para acertar na avaliação de suas qualidades reais. Nem todos têm os mesmos dons e nos mesmos graus. Aplicar os filhos a trabalhos para os quais eles não têm habilidade, é querer perverter a ordem da natureza (p. 15).

4ª — Quando tiverem ponderado seriamente estas considerações, estarão em condições de descobrir as habilidades e as inclinações dos filhos. Este trabalho deve ocupá-los até que o filho seja posto no aprendizado, e isto requer tempo, deliberação, busca diligente, e laboriosa observação por alguns anos. Observar suas primeiras afeições e antipatias, que aparecem até em suas alegrias infantis. Aí podem estar delineadas as sementes de seu futuro ofício, o pendor da mente para algum ramo de negócio. O pai sábio e terno esforça-se por descobrir as disposições do filho (p. 15-19).

5ª — Quando os talentos da criança permitem a escolha de dois, três ou mais ofícios, o que acontece com freqüência dada a semelhança de várias ocupações, escolha-se a que mais se adapta à constituição física da criança. Se um ofício requer força física e a criança não a tem, escolha-se o ofício mais próximo àquele, e que não exija força física (P. 19).

6ª — Na educação há disciplinas necessárias para quase todos os ofícios e outras que são mais próprias para uns poucos ou para um só. Quanto mais cedo a criança adquirir rudimentos do que é específico do ofício a que se destina — mesmo antes de entrar para o aprendizado —, tanto mais aproveitará em sua formação profissional.

Os conhecimentos gerais para qualquer ofício são ler e escrever; é bom também conhecer números. Desenho é necessário para artes mecânicas, e a falta de seu conhecimento na Inglaterra "é a principal, senão a única razão, pela qual os trabalhadores ingleses são muito inferiores aos estrangeiros, especialmente aos franceses" (p. 20).

7ª — Escolher entre os mestres da profissão à qual se destina a criança, um propriamente qualificado para ensinar o ofício a seu filho. Não basta ser bom oficial; deve ser honesto, de boa índole e comunicativo. Se não é honesto, o rapaz será libertino. Se é mal humorado e impertinente, afasta o jovem da profissão. Se não é comunicativo, o rapaz pode servir seus sete anos de aprendizado, e apesar de sua diligência e aplicação, sair tão ignorante no que toca à profissão, como quando entrou para a oficina (p. 21. 22).

Ao discorrer sobre estas sete regras, Campbell desce a pormenores que mostram muito bom senso, mas que é necessário sacrificar aqui, por amor à brevidade.

Campbell mostra neste capítulo, e já antes, sua preocupação social com a profissão, Acertar nela não é só do interesse de cada um, mas também da sociedade. Assim, à página III: "...a colocação do jovem é ponto da maior importância para a sociedade em geral, e para a cidade de Londres em particular". À página 1: "Se considerássemos... quanto o interesse da sociedade em geral, ... depende de nossa conduta na educação da juventude...". "Educação" aqui significa para ele orientação para o mundo do trabalho. Ainda à página 14: "...o público, a sociedade em geral, está profundamente interessada na sabedoria da escolha" do ofício para os jovens.

b) **Capítulos II a LXXII e Apêndice** — Nos capítulos II a LXXII, o autor aborda todas as profissões que ele vê em Londres e Westminster.

Estendem-se eles da página 24 à página 301. Aí pareceria encerrada a abordagem individualizada de cada profissão, mas de repente fica-se surpreso de ver o autor retomar o assunto num apêndice que vai da página 318 à página 330. Nele trata de 34 profissões, e seu título é: "De várias profissões omitidas em seu devido lugar, ou que não puderam ser incluídas sob um título geral".

O que ele traz em todos esses capítulos é, em parte, o que vem exarado no índice temático situado na folha de rosto, entre o título do li-

vro e a indicação de seu autor, editor e lugar da impressão. Não trata todos os ofícios do mesmo modo e com a mesma extensão. Praticamente em todos eles diz o que o profissional faz, quais as qualidades exigidas para o exercício da profissão, qual a idade que deve ter a criança ao entrar para o aprendizado, e qual o salário do oficial. Além disso, aborda em cada um alguns dos seguintes itens: o que se deve saber antes de entrar para o aprendizado; quanto tempo se deve estudar e o que; qual a formação correspondente no aprendizado; quanto tempo se fica em formação; quanto custa formação em certos ofícios; de que soma de dinheiro deve dispor quem quer se estabelecer em certos ofícios; que países se devem percorrer e onde se deve estudar e praticar certos ofícios; onde os aperfeiçoar; qual a origem de certos ofícios; quem foi seu inventor e qual a data da invenção; como candidatar-se a certos ofícios; quais os proventos dos ofícios e como se faz o pagamento: por peça, por dúzia, por dia, por semana, ou por ano; qual o salário a seco ou com cama e mesa; qual o material usado no ofício; quais as oportunidades de trabalho; onde as encontrar; saturação de mercado; quais as dificuldades que a pobreza traz no exercício de certos ofícios; quais os colégios de formação ou de moradia de certas profissões; a que perigos se expõem e expõem os outros os oficiais que exorbitam de suas funções; a que tentações o ofício expõe o oficial e o mestre; variedade de métodos para aprender certas profissões e para fabricar certos produtos; por que os profissionais britânicos de muitas profissões são inferiores aos estrangeiros; que doenças se podem contrair com facilidade em certos ofícios; quanta e qual gente emprega um mestre. O título do "Apêndice" acima citado insinua que há ofícios "incluídos sob um título geral". Realmente é assim que o autor procede, como aliás já ficou dito no princípio do artigo. Há capítulos bastante desenvolvidos e ricos em pormenores interessantes. Os mais longos são os em que ele trata do alfaiate, do arquiteto e do mercador. Neste último até o Brasil é mencionado. O mais sugestivo é o capítulo sobre a música. Diz ele que "o espírito de muitas nações pode ser apreendido da música que lhes agrada. Música viva denota povo impetuoso, intrépido, forte e bravo; mas música suave, delicada, harmoniosa, indica o covarde efeminado, preguiçoso e voluptuoso". E exemplifica com rara infelicidade: "Quando a música da Itália era cheia de dissonâncias, mais ruído que harmonia, ela era senhora do mundo, ...mas desde que refinou seu gosto musical e poliu sua rústica melodia, foi degenerando aos poucos no que é hoje, "a Nation of Priests, something less than women, into a Race of mere effeminate Cowards" (p. 90). Com uma só frase fere uma nação, uma instituição respeitável e metade da humanidade. Não se vê bem como isto se coaduna com a sentença que abre este capítulo sobre a músi-

ca: "Harmony is the first and chief Beauty in all Arts". Pobre rainha de beleza que necessariamente emascula e acovarda seus súditos. A posição de Campbell é tão frágil, tão sem fundamento, tão fora de propósito, que não merece refutação. Mas vem a pelo lembrar a epopéia dos judeus italianos salvos durante a ocupação nazista. "Enquanto 80% dos judeus do resto da Europa foram aniquilados, 85% dos judeus italianos sobreviveram, graças à ação espontânea dos religiosos, convencidos de que era seu dever salvar seus irmãos" (2). Freiras e padres italianos salvaram milhares de vidas, arriscando a sua própria. Alexandre Ramati, judeu americano, escritor e correspondente de guerra durante a ocupação, deixou consignado em livro, a saída, finda a ocupação, de judeus e mais judeus que haviam sido abrigados nas igrejas e nos conventos de Assis. Esse livro, "Assisi underground", posto em filme, já pode ser visto na Europa em 1985. Essa é não é uma "raça de covardes efeminados", os padres não são "pouco menos que mulheres", e as mulheres não são o que Campbell pensa. Quando ouço ou leio certos conceitos sobre a mulher, tenho a impressão de que aqueles que assim as conceituam não são da nossa estirpe, vêm de "outro planeta", não nasceram de mulher...

Mas Campbell é obrigado a contradizer-se — e não uma vez, mas muitas — como todo aquele que exorbita no uso da palavra. Não são só a França e a Alemanha que ele julga superiores à Inglaterra em muitas profissões, pois à Itália também devem ir formar-se o aperfeiçoar-se, segundo ele, aqueles que abraçam uma série de profissões. Ela não é pois apenas um país de "covardes efeminados, pouco menos que mulheres". Esta é uma das poucas vezes em que Campbell perde um pouco o equilíbrio; "ainda que bom poeta, vez por outra toscaneja Homero". É mais feliz quando trata da Irlanda: "São intrépidos... Fora da Irlanda são muito bons soldados, mas 'at home, their Spirit is broke (sic), they groan under the yoke of their new Governors; but they remember they were once free'. E isto afeta sua música sensivelmente: seus instrumentos são rudes, e sua música tem tão pouca harmonia como a dos serranos da Escócia; falta-lhes vida e alma; há um certo langor de morte em todas as suas árias" (p. 91. 92). E leva mais longe o comentário. Bem caberia aqui uma palavra em favor da liberdade da Irlanda, escravizada pela "sweet Albion". E arremata seu capítulo com um dito inconsiderado que faz pena registrar: "I cannot help thinking, that any other Mechanic Trade is much more useful to the Society than the whole Tribe of Singers and Scrapers; e julgaria

02. Rocco Tolfà, in "30 Giorni", ano III, nº 5, maio 1985.

muito mais honroso formar meu filho como ferreiro, ... do que fazê-lo aprendiz junto ao melhor mestre de música da Inglaterra" (p. 93).

c) **Capítulo LXXIII** — Este capítulo tem por título: "Da Constituição da Cidade de Londres; da natureza e dos privilégios das várias Companhias Incorporadas; do modo como ligar um aprendiz à sua Câmara Corporativa, e como adquirir direito ao exercício da profissão da cidade" (p. 301-312).

O autor explica como é organizada e administrada a cidade de Londres, quais as Companhias Incorporadas, de quais destas pode sair o governador da cidade, quem pode eleger os vereadores da cidade e quem não. Assinala a data das eleições e a duração dos mandatos. O aprendiz servindo sete anos a seu mestre, adquire o direito de exercer a profissão, mas não tem voz ativa nem passiva no governo da cidade, o que requer outras condições e formalidades.

A estas explicações segue-se um quadro em que figuram as Companhias Incorporadas por ordem de precedência, a data de seu reconhecimento, as taxas a pagar pelo privilégio de pertença a uma corporação e o endereço das sedes dessas companhias. A este quadro seguem-se explanações sobre outras nove companhias, diferentes das anteriores, mas que têm também grandes privilégios. No campo de atuação de duas dessas companhias entra o tráfico de negros, que são mencionados como qualquer outra mercadoria: "*They import* Elephant's Teeth, Gold Dust, some Drugs, and *Negroes* for our West-India Plantations" (p. 310).

d) **Capítulo LXXIV** — "Conselhos ao jovem aprendiz sobre como se comportar durante seu aprendizado a fim de aprender seu ofício, captar a boa vontade do mestre e evitar as muitas tentações a que estão sujeitos os jovens nesta grande cidade" (p. 312-317).

O título excusa qualquer esclarecimento sobre seu conteúdo. É um capítulo curto, mas precioso, que completa, ainda que rapidamente, a riqueza de dados do capítulo I, onde Campbell expõe com clareza seu pensamento a respeito da orientação profissional.

A este capítulo segue-se o Apêndice já mencionado, em que o autor desenvolve seus comentários sobre 34 novas profissões (p. 318-330). A completar o livro, segue-se um índice remissivo de todas as profissões tratadas na obra, com as subdivisões que competem a cada uma delas (p. 331-340). Este índice é acompanhado dos seguintes dados,

apostos a cada uma das atividades mencionadas; 1. Soma paga para ter um aprendiz; 2. Soma necessária para se estabelecer como mestre; 3. Horas de trabalho por dia. Ele enumera aqui 358 profissões, mas é evidente que este número não corresponde a outras tantas realidades diferentes. Assim, por exemplo, sob o nome de "carver" ele distingue: "carver of houses, carver of chairs, carver of ship-work, carver of frames and carver of coaches".

ELEMENTOS PARA A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Em todo o desenvolvimento da obra aparecem de vez em quando referências a elementos que interessam à Orientação Vocacional. O autor refere-se ora aos talentos, ora à disposição, às inclinações, ao gosto, à afeição, às habilidades naturais, etc. Mas é sobretudo no capítulo I e, muito rapidamente, no capítulo LXXIV e no Apêndice, que Campbell desenvolve seu pensamento sobre Orientação Vocacional.

As idéias centrais dessa orientação são a das diferenças individuais e da determinação, pela natureza, do tipo de trabalho que compete a cada um. No que a isso concerne, Campbell está de pleno acordo com Huarte, para só citar um dos autores cujas obras têm sido ventiladas em "Síntese" desde seu número 21 (Cfr. "Síntese", 33, 1985, 77-106). Para ele, como para Huarte, cada homem é psicologicamente diferente do outro, e nasce para um determinado tipo de trabalho. Daí se segue que a preocupação dos pais com relação à educação dos filhos deve ser dupla: 1ª "ter conhecimento geral do mercado de trabalho de Londres"; 2ª conhecer as qualidades e as inclinações de seus filhos, "a fim de escolher para eles um emprego adequado a suas forças, à sua inteligência e às suas próprias circunstâncias" (p. IV). Como se vê está aí suficientemente clara a adequação das exigências do trabalho às qualidades do indivíduo, isto é a teoria que mais tarde se vai chamar de "traço e fator", um ponto a mais em que Huarte e Campbell se encontram de acordo quanto à orientação vocacional. Campbell é também pessimista com relação à educação. Como Huarte, pensa ele que se a natureza não qualifica um indivíduo para um ofício, jamais ele o aprenderá bem: "Se o jovem é atado a um ofício para o qual a natureza não o designou"... ao chegar ao fim de sua formação verificará que "tudo o que lhe quiseram ensinar em seu aprendizado, não fez senão perverter a ordem da natureza, esforçando-se ele por aprender o que lhe é impossível compreender" Tratando-se de texto velho já de dois séculos e meio, houve que se levar em conta a evolução semântica do inglês. Os termos que o autor usa para indicar fatores a ter em conta na orientação vocacional são passíveis, no contexto, de outra interpretação que aquela que lhes dá o autor dessa li-

nhas. Fique registrado, entretanto, que se tomou aqui o cuidado de precisar quanto possível o significado dos termos na pena de Campbell no momento histórico em que ele escrevia, a fim de não trair seu pensamento. Tais são, por exemplo, as palavras "genius", "temper", "judgment" e "disposition". Para tranquilidade de consciência de quem fez a versão desses termos e para segurança dos leitores de que não foi fraudado o pensamento de Campbell, anote-se que, se por acaso, vez por outra, esses termos houverem sido mal vertidos, fica o mal sanado no seu conjunto geral, pois Campbell usa também outros termos que cobrem os assinalados acima e que, tanto por sua significação histórica, como pelo sentido que o contexto exige, não deixam dúvida sobre os elementos que ele aduz como fatores a se ter em conta no processo de orientação. São estes termos: "bent", "inclination", "Qualification", "natural talents", "affection", "turn of mind", "taste". De grande valia foi para isso o uso de dicionário histórico de Oxford. Estas palavras, de significação segura e iniludível, vêm sublinhadas no que se segue. Venhamos já ao elenco desses elementos.

1. **Diferenças individuais** — Elas constituem o ponto de partida de Campbell para suas outras posições, e aparecem claramente e mais de uma vez; por exemplo: "A natureza ordenou a diferença de nossos temperamentos, *disposições* e *talentos*, que são tão perceptíveis como os traços de nossos semblantes. ... Tomemos cada um nosso lugar conforme esta ordem em que nos colocou a natureza, e o universo caminhará sem atritos. ... Ao invés disso, procedemos como crianças a brincar: cada uma faz o papel de seu vizinho e esquece o seu próprio" (p. 13). E reitera várias vezes sua posição: "A Providência não atribuiu os mesmos dons a todos, nem no mesmo grau" (p. 15).

2. **Cada um nasce para um ofício** — Ele é nisso categórico: "Há um dito recebido por todos que diz que o poeta e o pintor nascem, não se fazem; ... mas não só os *talentos* de um poeta e de um pintor devem nascer com ele; há que se estender o dito a todas as profissões: um homem deve ter nascido carpinteiro antes de se poder supor que será excelente neste ramo; ele só difere do poeta e do pintor nisto, que não necessita de tantos *talentos naturais*, de uma inteligência tão sublime e universal como a deles, mas sempre deve ter nascido com certo *modo de pensar*, com certos *talentos peculiares*, próprios, *adaptados* à profissão, do contrário fará em seu ofício tal figura, qual a que fazem aqueles que não nasceram poetas ou pintores, mas tentam suprir sua falta de aptidão para estas ciências, à força de trabalho, presunção e impudência" (p. 16. 17). E já antes: "Há milhões de

pessoas empregadas em ocupações para as quais a *natureza* não as preparou com *talentos* apropriados". E assim passim nas páginas 14 a 18.

3. **Teoria Traço e Fator** — É outro ponto que aparece cristalinamente em Campbell. Já à página IV, no Prefácio: "Espero que os princípios gerais que aqui trago sejam suficientes para ajudar os pais ... a escolher um emprego adequado às *forças*, à inteligência e às circunstâncias em que se encontra o jovem, fundamentados no conhecimento dos ofícios existentes em Londres, e nas particulares aptidões do jovem". O próprio título do capítulo I já insinua a teoria de Traço e Fator, como é fácil ver páginas atrás. E à página 2: "A aptidão, os *talentos naturais*, e a *constituição* do jovem são raramente ou nunca consultados, mas é-lhe atribuído um ofício ... não porque ele tenha qualquer *inclinação* para esta particular profissão, ou porque se lhe tenha descoberto aptidão natural ou *habilidades* que prognostiquem sua eficiência futura neste trabalho. ... O jovem é acorrentado a um trabalho, para o qual a *natureza* não o designou, para o qual não tem nenhuma *qualificação* necessária ...". E assim passim da página 4 à página 23.

4. **Pessimismo de Campbell com relação à educação** — Como já ficou dito, Campbell crê que se o jovem não nasceu para um ofício, jamais o exercerá bem. "É moralmente impossível que um jovem atinja qualquer grau de perfeição num ramo de ocupação para o qual suas disposições caraterísticas não têm a menor *inclinação*, para o qual sua mente não concebeu *afeição* alguma, e para o qual seus *talentos naturais* não são aptos" (p. 12). Para ele, a disposição da vontade, a aplicação ao estudo e ao trabalho, não são bastantes para vencer a incapacidade.

5. **Escolha** — Para Campbell a escolha de uma profissão para o jovem é em geral, feita pelos pais, baseados em longa observação das qualidades do filho e no conhecimento das profissões existentes em Londres, que é o âmbito para o qual escreveu seu livro. Esta posição aparece continuamente no livro. O verbo que ele usa sempre é "to chuse" (hoje "to choose"), e com maior freqüência, a significar para o jovem a consequência da ação paterna, o verbo "to bind". Este verbo aparece para cada uma das cerca de três centenas de profissões que ele aborda. Há porém, momentos em que o autor faz o jovem assumir essa responsabilidade, escolhendo ele o seu ofício. É o caso, por exemplo, nos dois trechos seguintes: "agora suponho que o jovem fez escolha de sua educação", isto é de seu aprendizado, e portanto

de sua profissão (p. 312). E logo a seguir: "Como supomos que ele (o jovem) *fez escolha* de seu ofício por *gosto* natural...".

6. **Aptidão** — Salvo engano, a palavra (aptness, aptitude, fitness) não aparece expressamente na obra de Campbell. Aparece, porém, o verbo "fit for", quer se referindo à pessoa do jovem com relação a um ofício, quer a qualidades suas que o tornam apto para ele. Há ainda muitas outras expressões que, por vezes, outra coisa não podem significar senão aptidão, e outras vezes a significam com bastante probabilidade. O título do capítulo I já a insinua claramente: "Advice to Parents in what manner to discover and improve the Natural Genius of their Children, before they put them Apprentices to any particular Trade, Mystery, or Profession". Na época, entre os sentidos atribuíveis a "genius", o que mais parece corresponder ao contexto é "natural aptitude". Que é o que os pais descobrem no filho que os leva a pô-lo num ofício? Outra coisa não pode ser senão aptidão para ele. De resto, os outros sentidos em vigor na época — exceto o de inclinação —, vêm a significar aptidão. São eles: "characteristic disposition", "natural ability". Outras expressões que no contexto significam aptidão são, por exemplo, "qualificações" o trecho: "Eles (os pais) nunca averiguam se os filhos têm as qualificações necessárias para este delicado ofício" (p. 4); no contexto, é essa a única significação que quadra. E ainda: "o carpinteiro ... deve ter nascido com alguns talentos peculiares adaptados para a profissão" (p. 16). Poder-se-iam citar ainda "disposição", "habilidades", "talentos naturais", mas parece que basta o que ficou acima.

7. **Afeição, gosto, interesse** — "Interesse" é uma palavra que não aparece no texto, mas aparecem "afeição", "gosto" que talvez possam lhe fazer as vezes. Mas não há porque insistir sobre este ponto; sobram no texto elementos interessantes para a orientação vocacional e não é preciso buscar argumentos para uma posição que seria provavelmente duvidosa.

A afeição (affection) aparece várias vezes, assim como gosto sob os termos "taste" e "liking". Para ambos baste a citação seguinte: "Como supomos que (o jovem) fez escolha de seu ofício por *gosto (linking) natural*, ou por inclinação da mente, devemos crer que no primeiro momento se *delicia* nele; deve alimentar este *gosto (liking)* ...; quanto mais *afeição* tiver por seu ofício, mais aplicação terá a ele, e mais depressa o possuirá; ... o operário diligente e destro faz seu trabalho com *prazer*" (p. 313).

8. **Inclinação** — É a dimensão da orientação vocacional que mais é invocada por Campbell. Ela aparece sob duas formas: "inclination" e "bent", e a cada passo do capítulo I: O pai dá ao filho uma profissão, "não porque ele tenha *inclinação* (inclination) para esta profissão..." (p. 2); o pai "não consulta nem a *capacidade* do jovem, nem sua *inclinação* (inclination) para este ofício" (p. 11); "mas suas mentes devem ter certa *inclinação* (bent) mais para um lado que para outro ..." (p. 13); "já se tem visto aptidões fulgurantes, com tão profunda *inclinação* (inclination), que seria impossível aos pais não discerní-la ou sufocá-la" (p. 16); "para fazer um marinheiro comum e prático, não se requer mais que uma *inclinação* (inclination) natural para o mar e uma constituição sadia e robusta" (p. 324).

Resumindo, pode-se dizer que embora Campbell tenha vez por outra alguma idéia peregrina, seu estudo é interessante e mostra bom senso. Suas posições em relação à orientação vocacional se resumem ao seguinte:

1. Os homens são psicologicamente diferentes uns dos outros.
2. Cada homem nasce para um determinado trabalho.
3. O êxito profissional depende do casamento entre as qualidades do indivíduo e as que a profissão exige para seu exercício. Na busca da eficiência profissional, é preciso secundar a natureza.
4. A falta de certas habilidades desqualifica o indivíduo para certas profissões. A educação, a formação não é capaz de suprir essas deficiências. Quem não nasce pra pintor, não passa de borra-tintas.
5. Os pais e os tutores são responsáveis pela orientação vocacional de seus filhos e pupilos.
6. Na orientação vocacional são fatores fundamentais a ponderar, a aptidão para o profissão, o gosto e a inclinação.
7. O acerto na escolha da profissão para os jovens é de interesse não só deles mesmos e de suas famílias, mas também da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPBELL, R. — The London Tradesman — London, T. Gardner, 1747 — Em reimpressão: Devon, Latimer Trend & Company Limited Whitstable for David & Charles, 1969, XII-340 p.
- HUARTE de San Juan, Juan — Examen de Ingenios para las Ciencias-Baeza, Juan Baptista de Montoya, 1575 — Reimpressão: Madrid, Editora Nacional, 1976, 456 p.
- LITTLE, William, FOWLER, H.W., COULSON, J. — The Shorter Oxford English Dictionary on Historical Principles — Oxford at the Clarendon Press, 3rd. edition, 1956, 2515 p.

RESUMO

O presente artigo é o sétimo de uma série que tem por objeto a investigação das origens históricas da chamada Orientação Educacional. O autor aqui estudado é R. Campbell, do qual não se possuem maiores informações biográficas e que publicou em 1747 a obra The London Tradesman. A obra de Campbell é aqui analisada pormenorizadamente nos seus dois temas principais: aptidões e profissões.

SUMMARY

The paper is the seventh of a series of articles already published in SINTESE about the historical origins of what is known as Vocational Guidance. The work under consideration here is The London Tradesman (1747) whose author, R. Campbell, is otherwise unknown. The two main themes of Campbell's book, aptitudes and professions, are fully analysed.